

# O INFINITO

Ruth de Paula Marques

Estudante de Filosofia Mackenzie

Graduada em: Direito

Serviço Social

Estudo de música (piano)

Ensaios em prosa e poemas

## O INFINITO

A palavra Infinito (infinítu-latim) é um adjetivo que diz não haver início nem fim, ou seja, literalmente sem limites.

O Infinito percorre nossos dias envolto em concepções arcaicas, em métodos que perpetuam uma visão humana comum e ilusória, que escancara a dualidade de nos vermos eternos e infinitamente vivos e, ao mesmo tempo, perceber que nosso próximo passo será dado no pisar de um vácuo e incerto lugar, e que a finitude de nosso corpo é o que mais de concreto podemos determinar em nossas vidas.

Tentamos mapear nosso ritmado coração ao estático movimento de um corpo inerte e ao mesmo tempo que se movimenta, num tempo que não existe e se concentra fora de nosso controle.

Como estabelecer batidas infinitas de um órgão coronário ao finito de uma existência que não conseguimos controlar?

Carregamos a esperança filosófica de construir uma vida coerente ao que recebemos de modelo familiar, em especial de nossos pais na infância, prosseguindo na adolescência com os mestres escolares, moldando métodos educacionais que nos preparam à vida adulta, para responder ao clamor da sociedade e o que ela espera do homem de sucesso.

Abarca esse sistema num engessamento da moral e ética na sociedade, procurando atender de forma desenfreada aos ditames do que se prega, não tendo, muitas vezes, a coragem da escolha do que se almeja formar como cidadão social. O ideal do pensamento que vai moldar o homem intelectual e profissional, muitas vezes é ditado pelo que se espera dele, pelo gosto familiar, e não exatamente pelo que anseia o mesmo em seu interior evolutivo.

Lança-se o homem nesse concurso de um sucesso a ser alcançado a qualquer preço. Busca, concomitantemente, a condução da felicidade infinita, mas que o leva de encontro a um sentimento de vazio inexplicável e uma vaga sensação de um mundo incompleto que não o satisfaz.

Surge ao lado de sua alma uma sombra lateral, como um incômodo de uma resposta não pronunciada a uma pergunta nunca elaborada, que percorre a mente à procura de questões primordiais existenciais, que se agarram na urgência de uma solução clamada.

Até onde chega o pensar humano? Quanto cabe na caixa craniana o volume exato da razão, do aprendizado, da imaginação, da sensação, da emoção e das conclusões inconclusas que percorrem o infinito de nossa mente?

Devaneios que desconhecemos as respostas, tanto quanto não sabemos o número exato das estrelas e dos astros que compõe o universo, num infinito céu que se coroa de um brilho sem limites, dentro de uma ordem e programação impecável e absoluta, determinada por um Deus artesão desconhecido, duvidoso e misterioso, mas infinitamente sábio e poderoso, criativo o suficiente para ser Autor do maior e grandioso sonho que o homem jamais ousou sonhar: a compreensão do Infinito!

Temos na filosofia pré-socrática o grande representante e pensador filosófico que iniciou o conceito de Infinito dentro da filosofia, chamado Anaximandro, de Mileto.

Na palavra “ápeiron”, que significa infinito ou ilimitado, disse que o princípio vinha da Physis, de natureza infinita, composta dos céus e dos universos. Nesse infinito anaximandriano não existe princípio nem fim, o princípio é de tudo e de todas as coisas, absoluto, ingênito, imperecível, imortal e indestrutível, com caráter e manifestação de Divino.

A água para Tales compara-se ao infinito para Anaximandro, ambos posicionando esse conceito como Deus, causa de tudo no universo, onde nada nasce e nada morre e os mundos vão nascendo e morrendo infinitamente, coexistindo no espaço em infinitos cosmos.

Trata do movimento do eterno, que produz a separação dos contrários, onde o quente deu origem ao sol, lua e astros e o frio se transformou em ar, derivando desses contrários a terra, o mar e os seres vivos.

Após Anaximandro, veio seu discípulo Anaxímenes, que mudou o princípio do mestre, que o infinito deriva tão somente do ar e as demais coisas decorrem do ar também.

Platão já coloca o infinito como substância e o próprio princípio, estando o infinito presente nos sensíveis e nas idéias, visto tudo não estar em lugar algum, não havendo sentido o conceito de infinito, tido como concepção irracional.

Para Aristóteles, o infinito pertence ao motor imóvel que move tudo, absoluto, o próprio Deus, fora da razão, pertencente somente ao domínio divino.

Voltando ao presente século, sentimos a sabedoria e acertos nos princípios filosóficos desses pensadores, numa visão antecipada da formação do nosso orbe, como da infinitude dos elementos e movimentos que revestem o universo.

Idealizaram um mundo rotativo e fluídico, onde os mortais se preocupavam com a origem, existência, perpetuidade e infinitude do planeta que os abrigava.

Não prosperamos muito nas questões filosóficas do logos, “quem somos, de onde viemos e para onde iremos”, esbarrando, ainda, no preconceito quando evitamos o confronto natural de nossa mortalidade, que deveria conter a programação de uma maneira tranqüila e racional na passagem pela morte.

Na verdade, tentamos o esquecimento de nossa finitude corporal, olhando com desprezo a terra, para lançar nosso olhar ao alto, implorando aos céus:

“...talvez não seja ainda a minha hora...”

(segue poema...)

## **O INFINITO**

No infinito me coloco,  
disponho minhas armas  
aos teus pés,  
sou agora o finito  
de um amor proscrito,  
que me desfalece.

Trago a esperança  
de uma idéia,  
que espalha a virtude  
filosofada,  
entregue ao sol que  
abre o dia  
e a magnitude da lua  
em melodia.

Corre no meu chão  
infinitude,  
alarga o continente  
e me faz teu presente,  
abraça minha terra  
e me torne sábio.

Traz Platão ao coração,  
no diálogo  
da imortalidade,  
me cobre de infinita saudade  
das idéias perpetuadas no bem  
e na dialética como convém.

Concede a luz  
que me liberta da caverna  
para o apogeu  
de um novo mundo,  
que me traga o infinito  
nos céus dos mistérios profundos!